

- a) Só hoje, não me chames mulher
- b) Carta fictícia escrita por uma mulher no Dia Internacional que diz dessa forma ao marido o que não tem coragem ou tempo para verbalizar
- c) Despertar a consciência de muitas mulheres para o seu papel na sociedade
- d) Mulheres, mães, trabalhadoras
- e) Funchal
- f) Baseada no relato de caso verídico
- g) Texto em forma de desabafo
- h) A sociedade tem de se adaptar com mais celeridade ao século XXI. Já o fez em outros sectores, mas tarda em fazer na família e na divisão de tarefas e responsabilidades

Rita M.

Rita M.

## Só hoje, não me chames mulher!

O amontoado de papéis dobrados em quatro partes, deixava apenas ver o alinhamento de riscas azuis ténues. Uma fita amarela trespassava-o como se fosse um presente, um laço bem feito, talvez desatado vezes demais, talvez atado tantas outras vezes, sem saber se a mulher que escrevera as linhas mais sentidas que algumas vezes li, tivesse tido certeza de ter chegado algum dia ao destinatário.

Reconheci a letra inconfundível quando descobri aquele grito em forma de carta, esquecida atrás de um velho aparador. Nunca percebi se estava mesmo escondido ou se abandonado pelo homem a quem se destinava. Pela vergonha ou pela dor de o ter lido, pela culpa de o ter provocado, pelo orgulho ferido de ter sido abandonado pelo nada ou por ninguém. A data, quase apagada por uma gota de lágrima salgada, a lágrima que ela tantas vezes me tentou esconder quando eu era ainda uma criança, mostrava o dia 8 de Março de 2002. Pouco antes de ter tirado a mala do armário onde enfiou as poucas roupas que conseguiu levar pela pressa de viver.

Sentei-me na sua cadeira, a cadeira onde se sentava de passagem, porque o tempo controlado quase ao segundo entre o fim de programa da máquina de lavar roupa e o aquecimento do ferro de engomar, só a deixava com vagar para jogar para ali o corpo cansado por breves segundos. Como se a cadeira fosse o seu balão de oxigénio e nela encontrasse as forças para a difícil caminhada até ao estendal.

Pousei a fita amarela no braço daquela pequena cadeira, mais pequena do que a dele, majestosa, a meia sala, virada para a televisão, onde controlava os passos de todos nós. Nunca nos atrevemos a sentar ali, mesmo que soubéssemos a sua ausência prolongada. Era como se nos vigiasse pelas paredes onde havia as nossas fotos, sempre com ele sentado e nós em pé, ela também.

Na verdade, toda a parede da nossa sala e do corredor dos quartos, no piso de cima, eram enfeitadas com molduras antigas, de gerações da minha família paterna, onde invariavelmente os homens apareciam em lugar de destaque, sentados quase sempre na mesma cadeira, que parecia atravessar as décadas e as esposas quase se escondiam por detrás dos filhos, que ladeavam os corpos grandes e os olhares ameaçadores dos patriarcas.

A data, daquele Dia Internacional da Mulher, foi a que me lembrei durante muitos anos. Não entendia na altura porque teria tomado aquela decisão, mas hoje percebo que tudo tem de ter um fim quando não é perfeito. A frase da minha avó que se lamentava ao som daquela ladainha do “foi o que Nosso Senhor me deparou” deixou de fazer sentido enquanto as folhas foram morrendo no calendário e as filhas foram conquistando os seus lugares no mercado de trabalho. Mas pelo que percebi, pelas letras desenhadas a caneta azul que consegui ler naquela tarde, as mulheres, as que têm o mesmo sobrenome do que eu e as que têm tantos outros sobrenomes, têm ainda pela frente de rasgar muitas folhas de calendário. Porque ao longo de anos, deparei-me com dezenas de casos que aqui e ali replicavam a história daquela heroína silenciosa.

Olhei mais uma vez para o quadro mais recente. O nosso. Para descobrir-lhe algum significado. E, como se me sentisse atraída pelas letras pequenas e arrumadas, mergulhei nas frases que se desfiaram nos minutos seguintes diante dos meus olhos:

«Só hoje, não me chames mulher! Porque já não te oiço.

Não me chames aquilo que tentei gritar nos outros dias do ano para que me ouvisses, ao longo de todos estes anos em que me tornaste invisível. Não me lembres que preciso de um dia, ou que tu precisas de um dia, para te lembrares de mim. Não me faças entender esta data que nos ofereceram, como se nas outras todas, as dos anos comuns e dos bissextos, eu fosse transparente e como se nos dias em que finges não me ouvir eu não ficasse triste.

Não queiras fazer de conta que gostas de mim, hoje, como no primeiro dia, porque no teu trabalho as tuas colegas receberam flores do chefe, elogios dos colegas e homenagens em mensagens de telemóvel, essa coisa que descobrimos em Portugal há poucos anos e a que tu estás cada vez mais agarrado.

Eu estou aqui todos os outros dias do ano. Nem sei se me vês, de tão pequena que me sinto nesta família. Estou aqui há muitos anos, com os teus filhos, os nossos filhos, que todas as noites me pedem o impossível quando chego cansada do meu trabalho e ainda tenho o part-time que ninguém remunera e que tu nunca valorizas. Eu sei, ensinaram-te, lá os senhores das molduras escuras e fotos antigas da nossa sala, qual seria o meu lugar na tua vida, como foram o da tua mãe e das tuas avós. Mas não te culpo. A minha mãe e as minhas avós pensavam exatamente da mesma forma que as mulheres da tua família.

Hoje, aquele dia em que nos sorriem como se finalmente tivéssemos alguma tonalidade além da transparência habitual dos outros dias do ano, seja ele comum ou bissexto, resolvi escrever o que não consegui durante todos estes anos. Só não sei se foi por falta de tempo ou de coragem, mas foi certamente por falta de querer viver. É que percebi que me fui esquecendo do verbo ao longo dos tempos, principalmente desde que voltei ao trabalho depois da segunda licença de maternidade, que não previa essas coisas maravilhosas de agora que te permitem tirar duas horas de aleitação. Como se algum dia fosses tu que saíesses mais cedo do trabalho para entrar na correria diária de ir buscar os miúdos.

Mas penso que se eles tivessem nascido agora, antes da lei deste início do século XXI, que te permite gozar a benesse, quase que aposto que as tirarias, só para teres mais tempo para ficares na esplanada com os teus amigos ou alinhares naquela moda recente de os homens irem ao ginásio.

Se me ajudasses em casa, garanto-te que tinhas um corpo de fazer inveja, porque entre as lides diárias e o que tenho de correr durante o dia no trabalho para não pagar a multa na escola, não te preocuparia essa gordura dos petiscos de fim de tarde antes de vires para casa.

Sabes, eu sou a mesma a quem durante todos os outros dias do ano tu resmungas pela camisa que não está passada e a quem pedes que te corte as unhas, porque era assim que a tua mãe te fazia e que a tua avó paterna fazia aos filhos já adultos, sou a mesma que te prepara os tais petiscos que às vezes comes em casa, só para veres o futebol com os teus amigos, naqueles campeonatos todos de que nem sei o nome. Ou melhor, até sei de alguns, porque aos meus colegas, lá no trabalho, é permitido conversar sobre futebol dentro do escritório, até porque o patrão fomenta, mas não lhes passo cartão, nem amarelo, nem vermelho, porque quando falam do árbitro, o que normalmente dura a semana inteira, já eu estou a pensar em fazer as minhas tarefas depressa, porque tenho depois de fugir à velocidade

de uma criminosa, para levar o mais velho à nataçãõ ainda antes da mais nova praticamente voar pela porta da escola para dentro do carro para não me atrasar para a deixar no inglês».

Pousei as folhas no colo e encostei a cabeça para trás, na cadeira onde tantas vezes te sentaste em velocidade de dona de casa e sorri. É verdade, já nem me lembrava da maratona que fazias com o teu carro de duas portas que paravas na porta da escola já com o banco preparado para eu atirar-me literalmente para a parte de trás. Devia ter uns nove ou dez anos. Tu estendias-me o lanche que tinhas feito de manhã para não ir de estômago vazio para a aula, mas sobretudo fazias isso, porque podias atrasar-te no regresso da nataçãõ com o mano e não querias que eu ficasse com fome.

Ao meu lado, o saco do lanche dele, normalmente mais leve, para não ficar sem apetite para o jantar, merenda que comia quando vinham da piscina me buscar ao inglês. Mas na verdade, nunca questioneei porque é que o dono da cadeira grande aqui ao centro da sala nunca nos foi apanhar às atividades. As minhas preocupações na altura eram as de uma miúda da minha idade e nunca entendi o teu cansaço ou ouvi as tuas queixas.

Voltei os olhos de novo para o papel, onde continuavas:

«Eu sou a mesma que ao longo dos anos teve de manter um emprego em que não se sentia realizada. Sim, numa função para a qual o meu colega, que por sinal entrou muito depois de mim, é melhor remunerado, apenas porque se convencionou que ele seria capaz de fazer mais do que eu. Sou a mesma que nos 15 minutos que praticamente conquistou para ir ao café, vai a correr ao sapateiro buscar os teus sapatos que na véspera pus a arranjar, apenas porque tu não o podes fazer, não por não haver um sapateiro mais perto do teu trabalho, mas por causa dessa tua mania de não andar com sacos na mão, porque não condizem com o fato. Porque o teu pai te ensinou que essa coisa de carregar sacos é com as mulheres e garanto que foi das coisas que ele te ensinou que fazes por não esquecer.

Depois, quando volto para o escritório, sem ter tomado o café de que, não sei se sabes, também gosto muito, o chefe olha para o relógio e para mim e faz sinal ao meu colega, o tal que ganha mais do que eu, um dos tais que discute futebol de segunda a sexta porque todos os dias há jogos e vão os dois para o café durante meia hora falar do tal desafio de futebol que tu vens ver com os teus amigos cá em casa. Por falar nisso, deixei os petiscos no frigorífico para poderes preparar hoje à noite, aquele dia especial porque há Taça ou lá que nome é que tem o campeonato. Não é nenhum dia especial por qualquer outra razão.

Só hoje, não me chames mulher!

Porque quando me levantei de manhã, meia hora antes de ti para te preparar o almoço para levares para o escritório, tinha os braços doridos por ontem ter trazido as compras do supermercado sozinha e a alma ferida porque não trouxe as tuas cervejas e foi a única coisa que procuraste nos sacos que nem me ajudaste a esvaziar, antes de me voltares as costas na cozinha e te afundares no cadeirão que já era do teu pai.

E já te aviso, que nem te atrevas a mandar-me flores para o trabalho ou sequer a perguntares se eu quero fazer alguma coisa diferente, que não pode ser ir jantar fora, porque tenho de estudar com os nossos filhos que têm testes de fim de período na próxima semana, mas é provável que nem saibas, porque eu é que os vou pôr à escola e vou às reuniões com os diretores de turma. E não queres saber, não por não gostares deles, porque sei que os amas, mas porque isso não passa em rodapé no canal de desporto com quem namoras desde que compraste aquele ecrã gigantesco que custou centenas de contos, porque ainda não me habituei aos euros. Essa televisão para mim não passa de uma moldura de um quadro negro, porque nem tenho tempo de a ligar e se me atrevo a passar à tua frente na sala quando estás hipnotizado por ela lembras-te de dizer-me que podia estender a roupa noutra hora.

Já que toco no assunto televisão, a minha relação com esse aparelho é muito mais distante. Resume-se a um olhar rápido enquanto estou a fazer o jantar na cozinha e a pensar na tua dieta especial, porque o médico disse, na consulta para que tive de te arrastar, que os teus níveis de colesterol eram proibitivos. Mas mais irónico do que pagar a consulta para ele me dizer o que eu já sabia, foi o facto de quase nunca ter olhado para ti durante o teu próprio diagnóstico e ainda por cima ter tido o desplante de olhar para mim, como se assumisse que enfermeira era mais um papel meu na sociedade, a ditar-me religiosamente os alimentos a evitar dar-te e para voltar ali contigo quando tivéssemos as análises prontas. Não sei se ele acha que não consegues ir sozinho ao médico ou se, aposto eu, acha que é meu dever cuidar de ti. Mas não o censuro. Pela aparência, deve ter a idade do teu pai e ainda pensa que as mulheres têm direito a pouco mais do que ao papel de cuidadoras. Tenho de saber se cresceram na mesma rua, ele e o teu saudoso progenitor. Aquele que gastava o nome da tua mãe para lhe dar nas mãos uma coisa que ele estava mais perto de alcançar, mas acho mesmo que ele nunca aprendeu a se levantar do cadeirão a não ser para ir para a mesa almoçar ou jantar. Talvez nunca o teu avô o tivesse ensinado e tu também não conseguiste aprender.

Bem vistas as coisas, hoje, é o dia em que provavelmente vais chegar a casa e não te vais lembrar dos medicamentos para o teu amigo colesterol, porque o médico, o teu médico, note-se, deu-me essa responsabilidade. Deixei um papel daqueles amarelos com cola, que acho que se chamam post-it, na porta do frigorífico, porque sei que o vais abrir logo que chegares para tirares a tua cerveja. Assim lembras-te de os tomares.

Não esperes por mim nem pelos miúdos para jantar, porque decidi que vamos passar o fim de semana fora, já que hoje é sexta-feira e eles merecem porque se esforçam na escola e nas suas atividades para te agradar, mas raramente sabes as notas deles e quando por acaso as perguntas, é só para dizeres que podiam fazer melhor. Não sei se sabes, mas o nosso filho, que tem 13 anos, é um excelente nadador e amanhã vai faltar pela primeira vez a um treino, porque não o posso levar. Mas não te preocupes, porque vamos estar os três numa piscina aquecida num hotel para onde vamos passar duas noites que me custaram um balúrdio. Já agora, digo-te como me lembrei de fazer esse programa: poupei nos últimos meses para te surpreender há três fins de semana, mas fizeste-me o favor de te esquecer do nosso aniversário de casamento. Foi uma bênção. Aprendi que posso ter vida para além de ti, do pequeno cadeirão onde me sento por breves segundos ou então por longos minutos, quando estou a dobrar as tuas meias e me questiono se a máquina de lavar roupa também as usa, porque tenho a sensação de que as rouba.

Sabes que mais? Os próximos dois dias são por tua conta. E do teu querido futebol, do teu inseparável cadeirão e das tuas cervejinhas geladas. Já agora, aproveita para ler cuidadosamente as palavras que te escrevi e se eu voltar no domingo, porque ainda não decidi se quero continuar esta coisa a que alguns chamam vida, faz de conta que nunca as recebeste, porque os miúdos devem vir certamente extasiados com o fim de semana que lhes ofereci. Afinal, eles são o melhor resultado deste casamento e devem ser eles os maiores beneficiados.

Se eu não voltar, foi porque dois dias não chegam para apagar os anos em que tive de ser enfermeira, escriturária, dona de casa, auxiliar de sapateiro, governanta, professora e cozinheira, além de esposa e mãe.

Por isso, por favor, só hoje, não me lembres que é dia da mulher!»

A minha mãe não voltou. Nem eu ou o meu irmão. Percebemos que passávamos bem sem ti e que o verdadeiro pilar desta família, quem devia realmente estar sentado no cadeirão grande da sala que atravessou gerações, era ela. Depois do divórcio, que nunca quiseste dar

à minha mãe, só vínhamos em fins de semana alternados e fomos acompanhando os últimos gritos da tecnologia na tua casa, para onde contrataste finalmente uma mulher a dias de quem sempre só referiste defeitos.

Lembro-me de ver a tua dificuldade para passar a ferro a camisa para levares para o escritório na segunda-feira de manhã, porque era a única que não estava passada, mas era a única que efetivamente te apetecia usar e recordo-me nitidamente da cara dos rapazes da pizaria que nos traziam as refeições nos teus fins de semana. Eram tão frequentes que quase os conhecia pelo nome.

Mas nunca pensei que hoje, dia da tua missa de 7º dia, a primeira vez que entrei aqui depois do teu enfarte provocado pelo excesso de colesterol, fosse descobrir a razão pela qual nos mudámos para um pequeno apartamento quando eu tinha dez anos. Porque foi o dia em que a minha mãe deixou de representar o papel de tua mãe e começou a viver. Hoje, vai comigo à tua missa e provavelmente voltará a entrar naquela porta por onde saiu naquela sexta-feira, para que eu, ela e o mano, possamos decidir que fim dar a este cadeirão aqui ao lado...

Rita M.